



Entrevista com Million Belay

“Agroecologia é o melhor caminho a seguir”

Million Belay, coordenador da Aliança pela Soberania Alimentar na África e pesquisador do Centro de Resiliência de Estocolmo, descreve nesta entrevista os fatores que fazem da Agroecologia a perspectiva mais adequada para que a agricultura contribua efetivamente para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no continente.

Entrevista concedida a Paulo Petersen e Edith van Walsum

“A agricultura africana está em uma encruzilhada”, concluiu em 2008 a abrangente Avaliação Internacional sobre Conhecimento, Ciência e Tecnologia Agrícola para o Desenvolvimento (IAASTD, na sigla em inglês). O que mudou desde então?

A agricultura africana não está mais em uma encruzilhada porque, infelizmente, ela seguiu na direção da agricultura convencional, com intensificação do uso de insumos. Tanto fora como dentro do continente, muitos chegaram à conclusão equivocada de que o futuro da agricultura africana deveria ser produzir alimentos para o mercado. Essa ideia se baseia fundamentalmente no seguinte raciocínio: *Nem o setor de serviços nem o setor industrial da África podem impulsionar a economia e tirar o continente da pobreza. Mas a agricultura pode. Isso ocorre porque a África tem uma grande quantidade de terras sem uso, cerca de 800 milhões de hectares, e um elevado potencial para crescimento nas produtividades agrícolas (yield gap, na terminologia em inglês) que precisa ser efetivado. Afinal, a expectativa é de que a demanda por alimentos duplicará em alguns anos. Além disso, acredita-se que, como a maioria dos pobres na África é de agricultores de pequena escala, um aumento na produtividade tirará um grande número dessas pessoas da situação de pobreza.*

Os atores que estão endossando essa narrativa insistem em que o caminho a seguir passa necessariamente pelo emprego de agrotóxicos, irrigação e sementes híbridas; pela produção de culturas de alto valor de mercado; pelo estabelecimento de vínculos com mercados tanto locais quanto internacionais; e pela adoção do modelo de agricultura contratual, em que os agricultores produzem commodities para empresas do agronegócio. Eles agora estão chamando esse modelo de *Transformação Agrícola Inclusiva*. A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid, na sigla em inglês) e as fundações de Bill Gates e dos Rockefeller chegaram mesmo a lançar uma nova iniciativa chamada Parceria para a Transformação Agrícola Inclusiva na África (Piata, na sigla em inglês).

No atual momento de incerteza, exacerbada pelas mudanças climáticas, pela perda de biodiversidade e pela degradação do solo, a grande questão que surge é: esse tipo de agricultura é realmente melhor para a África? Considere que, embora a agricultura na África desde há muito tempo espere e precise de toda a atenção, temos que promover um caminho diferente, que é a Agroecologia, para enfrentar a pobreza rural e urbana na África. Várias evidências têm demonstrado que a Agroecologia pode dobrar e até triplicar a produtividade, que é eficiente no uso da terra e na integração das criações animais nos sistemas agrícolas, que pode contribuir para a nutrição e a saúde humana, além de ser igualmente benéfica para o meio ambiente e para o clima.

Qual é a sua visão sobre o papel da Agroecologia em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na África?

Eu considero que os ODS são uma ótima oportunidade para mostrar que o foco do

agronegócio está na contramão do conceito de desenvolvimento sustentável e que o que realmente funciona tanto para os agricultores quanto para a população urbana é a Agroecologia. A Agroecologia tem o potencial para atingir os ODS de forma holística, uma vez que presta serviços ao ecossistema que, por sua vez, presta serviços aos que dependem dele. Pela perspectiva da Agroecologia, é claro que a África pode produzir para os mercados internacionais, mas obviamente depois de alimentar sua própria população com alimentos saudáveis e nutritivos.

A Aliança pela Soberania Alimentar na África (Afsa) realizou um estudo para responder à questão sobre se a Agroecologia poderia ou não funcionar para a África e ao mesmo tempo responder aos desafios colocados pela agenda dos ODS. Para tanto, identificamos experiências agroecológicas conduzidas no continente. Analisamos se a Agroecologia melhorou a alimentação e a renda das famílias, se é um enfoque que leva em conta o conhecimento de homens e mulheres, se é ambientalmente amigável e se é fonte de orgulho e honra para as famílias. Em outras palavras, queríamos descobrir se a Agroecologia contribui para o direito soberano de atores locais e países de produzir o que é culturalmente apropriado para eles, não necessariamente apenas para o mercado. A análise (ver seção Publicações) mostrou que a Agroecologia está em sintonia com pelo menos 11 dos 17 ODS, uma vez que reduz a fome, gera mais renda para as famílias, aumenta a capacidade dos agricultores – à medida que eles aprendem mais técnicas agroecológicas por meio do enfoque de aprendizagem *de agricultor a agricultor* –, produz alimentos nutritivos e também envolve todos os membros da família.



Million Belay

Million Belay (millionbelay@gmail.com) é o coordenador da Aliança pela Soberania Alimentar na África (Afsa), pesquisador do Centro de Resiliência de Estocolmo, diretor da Melca-Etiópia (integrante da Rede AgriCulturas) e membro do Painel Internacional de Especialistas em Sistemas Alimentares Sustentáveis (Ipes-Food). Além de sua trajetória acadêmica, é militante em defesa da conservação florestal, da resiliência camponesa, dos meios de subsistência indígenas e tradicionais e da soberania alimentar e das sementes.



Mulheres mostram orgulhosas a sua produção de gengibre. Foto: Afsa

Poderia apontar algumas dessas experiências de sucesso de promoção em escala da Agroecologia na África?

Uma das mais significativas experiências teve início em 1995 no Tigray, no norte da Etiópia, e continua até hoje. Começou com quatro aldeias. Em cada uma delas, uma parcela foi manejada com compostagem, uma segunda com fertilizante artificial e uma terceira funcionou como parcela de controle. Na primeira parcela, outras técnicas de conservação do solo e da água também foram aplicadas e árvores e gramíneas foram introduzidas para aumentar a produção de biomassa. Após cinco anos de experimentação, já era evidente que as áreas manejadas com composto tinham melhores resultados. Essa iniciativa se estendeu a 83 aldeias e, finalmente, a toda a região do Tigray. Recomendou-se então ao Ministério da Agricultura que fosse ampliada em âmbito nacional. O projeto agora se expandiu para seis regiões da Etiópia e é recorrentemente mencionado como exemplo em fóruns internacionais.

Mas, na verdade, muitos fatores contribuíram para esse sucesso, sendo todos igualmente significativos. O primeiro é a simplicidade da intervenção e as práticas de conservação do solo e da água que foram utilizadas. O fato de esse projeto ter sido amparado por pesquisas da Universidade da Etiópia de Mekele provou também ser fundamental para convencer os gestores públicos de que essas práticas funcionam e são benéficas tanto para a economia das unidades produtivas como para a qualidade do solo. O governo local também esteve envolvido e um agente público trabalhou em tempo integral no projeto. As comunidades locais estavam fortemente engajadas e puderam ver os resultados práticos em suas vidas. As mulheres estavam particularmente motivadas a participar ativamente, o que foi decisivo para o sucesso. Os agricultores criaram estatutos para proteger as áreas restauradas que até recentemente eram ocupadas por pasto de baixa produtividade, e isso ajudou a assegurar resultados duradouros.

No entanto, o projeto também enfrentou desafios: era difícil preparar compostagem de qualidade em quantidade suficiente; as estruturas de conservação de solo e água desenvolvidas se tornaram locais propícios para o surgimento de ratos; havia forte apelo por parte das comunidades para ampliar a produção comercializada, mas os recursos de financiamento não supriam as necessidades de mais extensão e capacitação. Esses são apenas alguns dos obstáculos que a iniciativa encontrou ao longo do tempo.

Outra técnica bem-sucedida é a chamada *empurra-puxa*, amplamente praticada na África Oriental. Trata-se de um método de controle de pragas por meio de consorcia-

ções seletivas entre determinadas espécies forrageiras e parentes silvestres de plantas herbáceas. Nesse sistema, as pragas são repelidas – *empurradas* – por uma ou mais plantas e simultaneamente atraídas – *puxadas* – por plantas *iscas*, o que acaba protegendo os cultivos da infestação. Essa técnica resultou na disseminação do controle biológico de pragas, reduzindo significativamente a necessidade de agrotóxicos; aumentando a produção, especialmente de milho; gerando mais renda para os agricultores; aumentando a produção forrageira para os animais e, dessa forma, incrementando a produção de leite; melhorando a fertilidade do solo; e promovendo o empoderamento das mulheres, uma vez que existe uma paridade entre o número de mulheres e de homens envolvidos.

Até 2015, o número de agricultores utilizando essa prática chegou a 95 mil. Uma das bases para o sucesso é a incorporação de ciência de ponta por meio da colaboração do Centro Internacional de Fisiologia e Ecologia de Insetos (Icipe) e da Estação de Pesquisa de Rothamsted (Reino Unido), que têm trabalhado na África Oriental nos últimos 15 anos para desenvolver um sistema de controle biológico efetivo para a broca-do-colmo e para a Striga (planta espontânea muito agressiva).

No entanto, o maior desafio para a ampliação da escala da Agroecologia reside no forte incentivo das grandes empresas e dos filantro-capitalistas ao agronegócio na África. Segundo a narrativa desse grupo, a agricultura africana é uma oportunidade de negócios, assim como está desesperada por apoio externo. A pesquisa também está inclinada para a produção de culturas que respondem aos agrotóxicos, a política é direcionada para fortalecer essa perspectiva dominante e a ajuda internacional está vinculada à promoção de enfoques orientados exclusivamente para o aumento da produtividade física dos cultivos e criações. A Agroecologia, no entanto, é o caminho a seguir, conforme demonstrado nos estudos de caso que mencionei.

Você destacou anteriormente o relevante papel que as mulheres desempenham na promoção da Agroecologia. Como você vê essa questão no contexto africano?

Na África, as mulheres cultivam tanto quanto ou mais que os homens. Elas são fundamentais nos processos de transição de um sistema convencional para um sistema agroecológico. Além de participarem na agricultura, cuidam das crianças, bem como da casa e da horta. Produzem alimentos nutritivos e saudáveis no quintal. Também são as guardiãs de sementes na maioria das comunidades e podem ser encorajadas a conservar sementes da própria família. Portanto, são centrais em qualquer estratégia para a promoção da Agroecologia, seja na pesquisa científica sobre o aumento da produtividade, seja na produção de alimentos saudáveis e nutritivos. As mulheres são uma força poderosa para a Agroecologia, pois são as vozes autênticas que realmente entendem o que é a nutrição, com amplo conhecimento histórico e cultural. Acredito que, aumentando a participação das mulheres na tomada de decisões sobre a agricultura e facilitando seu acesso a recursos produtivos, criamos uma grande oportunidade para a Agroecologia alimentar o mundo com alimentos nutritivos.